

O SABER MORAL DE CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA NA INVISIBILIDADE URBANA

THE KNOWLEDGE OF CAROLINA MARIA DE JESUS: A LIFE EXPERIENCE IN THE URBAN INVISIBILITY

Patrícia Rosicleia da Silva Sodré¹

Michelly Cristina Alves Lopes²

RESUMO: O presente artigo busca realizar uma breve análise do pensamento crítico de Carolina Maria de Jesus, materializado em seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), o qual permeia o processo de construção de sua escrita poética e reflexiva ao longo do registro de seu cotidiano. A partir dos relatos de sua vivência, a autora utiliza a composição literária como instrumento de denúncia e emancipação social para expressar seu posicionamento diante da condição precária dos pobres, pretos favelados no Brasil do século XX, o que chama atenção pela sua postura de mulher negra que utiliza a linguagem literária em uma época em que não havia espaço no mundo das Letras para o discurso feminino, mais especificamente de uma negra em estado de miserabilidade e “iletrada”. Para fundamentar o contexto histórico e cultural, referente à inserção da mulher no universo literário, recorreremos à teoria crítica do feminismo e aos pressupostos teóricos da crítica literária, entre os quais: bell hooks (2014), Dijamila Ribeiro (2017), Antonio Candido (2000), Funck (2016), Gonçalves (2014), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Maria de Jesus; Intelectuais negras; Subjetividade; Pensamento crítico.

ABSTRACT: The present article seeks to make a brief analysis of the critical conscience expressed in the fourth room of Eviction, written by the writer Carolina Maria de Jesus, which permeate the process of constructing his poetic and reflective writing along of the record of their daily lives. From the reports of her experience, the author uses the literary composition as an instrument of denunciation and social emancipation to express her position in the face of the precarious condition of the poor, black slum dwellers in twentieth-century Brazil, which draws attention to her posture as a black woman which uses literary language at a time when there was no space in the world of letters for feminine discourse. In order to justify the historical and

¹ Mestranda em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. ORCID iD:

<http://orcid.org/0000-0002-6063-0587>. E-mail: profpatysodre@gmail.com.

² Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo - Brasil. Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. Bolsista CAPES. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1365-5300>. E-mail: michellyalveslopes@gmail.com.

cultural context, referring to the insertion of women in the literary universe, we resort to the critical theory of feminism and the theoretical presuppositions of literary criticism, among them: bell hooks (2014), Djamila Ribeiro (2017), Antonio Candido (2000), Funk (2016), Gonçalves (2014), among others.

KEYWORDS: Black intellectuals; Carolina Maria de Jesus; Subjectivity; Critical thinking.

1 INTRODUÇÃO

A escolha por analisar as frases de impacto, ou seja, o saber moral, o qual denominamos “aforismos”, contido na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) de Carolina Maria de Jesus³ é para evidenciar o pensamento crítico e reflexivo de uma escritora negra, pobre, a qual, utilizando uma linguagem simples, ricamente poética e lírica nos revela sua condição social e trajetória de luta diária para sobreviver em meio a todos os contratempos que afetam essa classe marginalizada e invisibilizada pela sociedade.

Por não aceitar o emudecimento que foi imposto pela sociedade machista e racista de seu tempo, Carolina Maria de Jesus, antes de alcançar a fama com a publicação de seu famoso diário, frequentou as mais diversas redações dos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro buscando publicar seus poemas com os mais variados temas, como política, amor, pobreza, entre outros (FARIAS, 2017). Por isso, afirmamos que a escritora Carolina Maria de Jesus nasce muito antes de o *Quarto de Despejo* (1960), porém fora invisibilizada por seu gênero, cor e classe social.

Em *Um território contestado: literatura contemporânea e as novas vozes sociais*, publicado em 2012, Regina Dalcastagnè versa sobre as limitações impostas às minorias no âmbito da Literatura. Essas questões são levantadas a fim de denunciar as hierarquias que são amplamente violentas. Para a autora “[...] além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a

³ Para mais informações sobre os dados biográficos de Carolina Maria de Jesus, sugerimos consulta ao artigo “Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus)”, de Marco Antonio Gonçalves, publicado em 2014.

possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. [...] e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala.” (DALCASTAGNE, 2012, p. 13). Pois, “todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa.” (DALCASTAGNE, 2012, p. 13). Dessa forma, os que não aceitam o emudecimento que lhes é imposto avançam com suas produções, despertando tensões e conflitos.

Ao optarmos pelo uso do termo “aforismo” como referência às frases impactantes presentes na obra em estudo, nos apropriamos do conceito de Massaud Moisés (1978), entendido aqui em sua versão tradicional como “toda proposição concisa encerrando um saber medicinal baseado na experiência e que podia ser considerado norma ou verdade dogmática.” (MOISÉS, 2014, p. 14). No sentido mais amplo da palavra, as significações do pensamento filosófico de Carolina Maria de Jesus, presente em *Quarto de Despejo* (1960), resultam em marcas discursivas e revelam suas experiências de vida e a constituição da representação social da mulher negra em sua obra.

Para fundamentar o contexto histórico e cultural referente à inserção da mulher no universo literário e ao feminismo negro, recorreremos à teoria crítica do feminismo e aos pressupostos teóricos da crítica literária, e também ao que poderíamos chamar de crítica cultural apoiados em autores como Elaine Showalter – bell hooks (2014), Djamila Ribeiro (2017), Antonio Candido (2000), Susana Bornéo Funck (2016), Marco Antonio Gonçalves (2014), entre outros.

Por meio dos relatos sobre sua vivência na favela do Canindé, em São Paulo, na década de 1950, Carolina Maria de Jesus expõe ao leitor a condição de vida miserável dos moradores da favela e rememora as histórias de exclusão e apagamento da mulher negra na sociedade brasileira do século XX. Assim, a autora desenvolve sua composição literária como instrumento de denúncia e

emancipação social para expressar sentimentos, valores sociais, para refletir sobre sua vivência e se posicionar diante das condições precárias da vida dos pobres favelados, resultando em uma escrita literária carregada de lirismo e essencialmente humanizadora (CANDIDO, 1972).

É conveniente destacar que a maior parte da produção literária brasileira produzida até meados do século passado estava centralizada basicamente em um sujeito autoral – homem, branco da classe média –, que detinha o discurso dominante e o reconhecimento no universo das Letras. Nesse cenário as obras canônicas adquiriram notável visibilidade e, em contrapartida, a literatura feminina de autoria negra, quase inexistente, permanecia no obscurantismo, assim como as manifestações culturais dos grupos minoritários tidas como produções marginais e/ou populares, não cultas, fora dos padrões beletristas buscados como representantes da cultura letrada da jovem nação.

Apesar da luta por visibilidade, travada pelos grupos marginalizados, a literatura que povoa as produções nacionais ainda é produzida por homens brancos e, por consequência disso, até os dias atuais “a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca” (DALCASTAGNE, 2005, p. 44), principalmente ao se tratar da protagonista. Essa afirmação fica evidente através da pesquisa publicada em 2005, de Regina Dalcastagnè, professora na UnB (Universidade de Brasília), que procura identificar a que gênero, classe e raça pertencem as personagens do romance brasileiro contemporâneo. A pesquisa contemplou 258 romances publicados pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco entre os anos de 1990 a 2004, e foi observado que, do total das obras que compõem o *corpus* da investigação, 72,7% dos autores são homens, 93,9% são brancos e 78,8% possuem ensino superior. Outro importante fator é que 70% nasceram no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Para ela, “os números indicam, com clareza, o perfil do escritor brasileiro. Ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo” (DALCASTAGNÈ,

2005, p. 33). No que tange às personagens, “1245 foram identificadas nos 258 romances, sendo 62,1% do sexo masculino e 37,8% do sexo feminino”. Porém, no momento que são consideradas apenas as obras produzidas por mulheres, que equivalem a apenas a 22,7% do total, “52% das personagens são mulheres”. Destas, “64,1% são protagonistas e 76,6%, narradoras” (DALCASTAGNE, 2005, p. 36). Mostra-se ainda que o alto índice de personagens masculinas se dá por haver um menor número de mulheres publicando em relação aos homens.

O fato é que, até o fim do século XX, vivemos um momento “em que as mulheres permaneciam nas margens” e que “nos condicionaram a pensar que a voz dos homens não têm gênero e por isso existiam duas categorias, a ‘Literatura’, sem adjetivos, e a ‘Literatura feminina’, presa a seu gueto” (DALCASTAGNE, 2005, p. 51). Soma-se a isso o fator interseccional⁴ que regia a vida da autora aqui estudada, pois Carolina Maria de Jesus era mulher, negra, extremamente pobre e moradora de favela. Tomamos, por isso, as palavras de Djamilia Ribeiro, ativista negra e escritora, que aponta que “o não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os *Outros*, enquanto esses *Outros* permanecem silenciados” (RIBEIRO, 2017, p. 78). Ou seja, Carolina Maria de Jesus criou as oportunidades de quebrar esse paradigma perverso, conseguindo romper com esse isolamento constitutivo de sua condição social.

Nas últimas décadas, a partir da crítica literária feminista, permeada por uma trajetória intelectual de luta social e política contra a legitimação da representação hegemônica, vêm surgindo novas reivindicações de expressão representativa do feminismo, as quais chamam atenção a outras especificidades da categoria mulher, ou seja, a importância de se colocar em pauta as

⁴ O termo interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Crenshaw e define que as mulheres negras estão situadas dentro de pelo menos três grupos conflitantes, que são regidos por classe, raça e gênero, expressando, em muitos casos, a condição mais vulnerável dentro do escopo de subalternidades.

“intersecções como raça, orientação sexual, identidade de gênero”, entre outras (RIBEIRO, 2017, p. 23).

Em *Intelectuais Negras*, bell hooks (1995) nos lembra a história de subordinação da mulher negra, sendo considerada um gênero inferior, cabendo-lhe apenas a função de mera reprodutora, a partir da exploração de seu corpo e nas lides domésticas. Para essas mulheres, restava somente a servidão ao outro, não havendo espaço para o desenvolvimento de um trabalho intelectual:

Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, tornar o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. (HOOKS, 1995, p. 468).

Segundo a mesma autora, mesmo quando a intelectual negra consegue ocupar uma função na universidade, instituição composta por maioria branca, há a necessidade de se travar intensas lutas para que seja garantido seu espaço nesse ambiente e, mesmo assim, sua presença não é tida como algo natural por seus pares, o que resulta no não reconhecimento do trabalho intelectual dessa mulher:

As intelectuais negras, que não são escritoras famosas, continuam praticamente invisíveis nessa sociedade. Essa invisibilidade é ao mesmo tempo em função do racismo, do sexismo e da exploração de classe institucionalizados e um reflexo da realidade de que grande número de negras não escolhem o trabalho intelectual como vocação (HOOKS, 1995, p. 467).

Da mesma forma, no Brasil, a história da constituição da mulher negra e sua inserção social não foi diferente de outros países escravocratas das

Américas; não lhe foi concedido o direito à atividade intelectual, sendo considerada um ser inferior, sua função era a servidão e os trabalhos braçais e/ou manuais, e, com a perpetuação de tais atividades, muitas mulheres negras “internalizam a ideia de que devem servir, estar prontas para atender, quer queiram, quer não, a necessidade de outra pessoa” (HOOKS, 1995, p. 470). Carolina Maria de Jesus não ignorava sua condição de subalternizada e isso pode ser notado em um fragmento retirado de seu livro *Meu estranho diário*, publicado postumamente em 1996, que aqui transcrevemos:

Eu disse: o meu sonho é escrever!

Responde o branco: ela é louca.

O que as negras devem fazer...

É ir pro tanque lavar roupa

(JESUS, 1996, p. 201).

Tomando como assertivas as considerações de hooks (1995) e resgatando o contexto histórico escravista que perdurou no Brasil por mais de três séculos, reconhecemos a importância de darmos visibilidade às produções literárias femininas de autoria negra como prática social e política, no intuito de rompermos com o “pensamento racista e sexista” (hooks, 1995) ainda presente na sociedade brasileira. Consoante a esse pensamento, a filósofa e ativista negra, Djamila Ribeiro, reitera a importância da atuação da mulher negra na sociedade de modo a reafirmar seu lugar no mundo, no intuito de contribuir para o debate e evidenciar o tratamento opressivo e o processo constante de inferiorização que essas mulheres negras vêm sofrendo ao longo da história.

Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a resignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram

considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica (RIBEIRO, 2017, p. 45).

Consideramos, como alguns hoje, a produção literária de Carolina Maria de Jesus como possuidora de uma carga de crítica social atual e muito representativa e, por isso, ao dar visibilidade crítica ao seu texto, pensa-se em permitir ao leitor refletir sobre os mecanismos de opressão pelos quais estão sujeitas as mulheres negras na sociedade brasileira. E dessa forma, dentro do campo que nos cabe: o acadêmico, evidenciar e, quem sabe, dar mais visibilidade às formas como o preconceito racial e de gênero ainda perduram em nosso cotidiano. Assim sendo, pensamos em estudar o valor moral das frases de Carolina Maria de Jesus, contidas em *Quarto de despejo*.

Desse modo, entendemos que a obra literária de Carolina abre para o leitor possibilidades de reflexão sobre o ser no mundo e sobre o contexto histórico e social de uma época e do tempo histórico-social desse leitor, permitindo, dessa maneira, a elevação de sua consciência emancipatória, o que para Candido (1972) revela-se como a força humanizadora da literatura.

Em seu ensaio intitulado *A literatura e a formação do homem*, apresentado como conferência, em 1972, o autor tece uma reflexão sobre a função humanizadora da literatura que seria a possibilidade que o texto nos oferece de desenvolvermos nossa expressividade essencialmente humana, como as emoções, os sentimentos, a disposição para com o outro, a percepção sobre a complexidade do mundo e a capacidade de nos constituir como sujeito leitor.

Tendo como referência o papel social desempenhado pelas obras literárias, Candido utiliza o termo “função” não em seu restrito significado, como se fosse uma finalidade estabelecida à literatura, uma utilidade específica, mas sim com um sentido mais abrangente, para tratar da literatura enquanto

projeção da “experiência humana” carregada de “elementos contextuais” (CANDIDO, 1972, p. 82).

Essa “força humanizadora” da literatura, nas palavras de Candido, seria “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 1972, p. 82). De fato, podemos compreender essa questão como possibilidades que algumas obras literárias - e não são todas - nos oferecem de ultrapassarmos a superficialidade da narrativa para encontrarmos elementos que nos instiguem à reflexão mais profunda, nos tragam expressões humanas que despertem nossa formação e atendam às nossas necessidades de fantasiar, imaginar e, assim, podermos compreender melhor o outro e a nós mesmos.

Com efeito, considerar tais aspectos é importante para emprendermos na análise do *corpus* literário a partir do pensamento crítico de Carolina Maria de Jesus, uma vez que, como se sabe, o *Diário* revela a vivência dura e sofrida que por muitos anos fez parte do cotidiano da autora, sendo construído conforme seu estado de espírito e oscilações das dificuldades, ora numa atmosfera de desespero e denúncia dessa dura realidade, ora de maneira esperançosa, acreditando que vale a pena viver.

2 O PENSAMENTO CRÍTICO NA ESCRITA CAROLIANA

Dentro de uma abordagem sócio histórica, isto é, daquela abordagem empírica que tem como preocupação central a experiência da mulher e a natureza dessa experiência enquanto expressão poética, devemos destacar a importância do falar e do falar-se, da construção do eu por meio da palavra, que sempre foi um dos problemas centrais da mulher escritora (FUNCK, 2016, p. 83).

Quando Carolina Maria de Jesus questiona o papel que a mulher deve desempenhar na sociedade, quando sua postura incomoda as demais mulheres da favela, quando criticam sua maneira de ser, seu modo independente que não

aceita ser controlada por homens e que valoriza sua independência e autonomia, seu texto reverbera em questionamentos que fazem parte dos aspectos sociais e históricos que abordamos até aqui e que desembocam numa revisão do papel da mulher na sociedade, e isso ocorre em um microcosmo – a favela paulistana dos anos 1950 – em que as violências institucionais e relacionais são a tônica, condensando a triste vivência das mulheres nesse tempo-espaço, como podemos observar no fragmento⁵ na sequência:

As mulheres saíram, deixou-me em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. A minha porta atualmente é teatro. Todas crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatórios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis [*sic.*] (JESUS, 2014, p. 17-18).

Ao comparar as vizinhas a tambores, a autora alude aos golpes que os instrumentos de percussão recebem para produzir o som, e tais instrumentos eram feitos com couros de animais, dessa maneira, a descrição literária revela o ato em si, mão sobre couro, agressão física que ecoa, cotidiano enfrentado pelas mulheres que viviam nas favelas, pois no Brasil, naquele momento histórico, não havia nenhuma lei de amparo às mulheres que eram agredidas e abusadas por seus companheiros. É válido ressaltar que essas atitudes eram aceitas pela sociedade em geral, pois a mulher era tida como mero objeto do homem. No primeiro momento ela pertencia a seu pai e estava sob seu domínio

⁵ A reprodução de fragmentos do texto conservou a ortografia original contida na obra estudada.

e após o casamento, seu pertencimento passava a seu marido, a quem ela devia obediência e respeito. Quando traz a figura das escravas indianas, mostra que essas mulheres tinham as chamadas obrigações maritais, ou seja, teriam que servir sexualmente a seus esposos como e quando estes quisessem. Dessa forma, além da denúncia, Carolina se mostra uma mulher fora dos padrões que, ao não se subordinar a um casamento abusivo, como o das vizinhas, rompe tradições, pois se negava a ter ao seu lado alguém a quem ela teria de servir.

Quanto à forma reflexiva de seus relatos, ao optar pela escrita como denúncia de sua condição de vida, a autora coloca-se de maneira crítica contra o sistema opressor e patriarcal imposto; assim, através de sua “fala”, busca um modo de libertação, forma de luta em busca de mudança no cenário vivido, reconhecendo-se como vítima da situação, devido à desigualdade sexual e racial. Carolina busca meios para preservar sua integridade diante das agruras da vida:

[...] Estive revendo os aborrecimentos que tive esses dias [...] Suporto as contingências da vida resoluto. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência. Nunca feri ninguém. Tenho muito senso! Não quero ter processos [sic.] (JESUS, 2014, p. 18).

Consciente de sua condição, a autora busca meios para manter-se equilibrada, evitando, assim, envolver-se em conflitos presentes no cotidiano da favela, pois viver nesse espaço requer cautela e equilíbrio. Ao mesmo tempo, demonstra satisfação pela força para enfrentamento das dificuldades, com independência e autonomia.

Há momentos em seus relatos em que fica evidente sua vulnerabilidade para lidar com os sofrimentos dos filhos, devido à intensa dificuldade e à falta de alimentos e recursos mínimos de sobrevivência. “Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (JESUS,

2014, p. 22). A constatação de sua fragilidade enquanto mulher negra que não dispõe de uma figura masculina para lhe proteger é marcada pelo adjetivo *pungente*, o qual intensifica ainda mais sua dor; e demonstra que em uma sociedade patriarcal, o lar sem um homem, chefe de família, não recebe o mesmo respeito pelos demais moradores; mas isso não a impede de continuar buscando meios de cuidar de seus filhos, mesmo diante de tantas adversidades que a vida lhe impôs. Suas reflexões nos levam a pensar que Carolina era acima de tudo mãe de sua prole, tendo em vista que não explora muito em seus escritos seus desejos como mulher. A natureza também estimula a reflexão de Carolina:

O gato é um sábio. Não tem amor profundo e não deixa ninguém escravizá-lo. E quando vai embora não retorna, provando que tem opinião. Se faço esta narração do gato é porque fiquei contente dela ter matado o rato que estava estragando os meus livros [*sic.*] (JESUS, 2014, p. 147).

A autora reconhece a sabedoria do animal por ser independente e não se deixar corromper pelos sentimentos que podem simplesmente levá-lo a uma relação de privação de liberdade, por isso, é melhor, então, não se envolver com amores profundos; além disso, o gato aqui funciona como guardião de seus preciosos bens: seus livros. No entanto, os amores rasos podem até ser uma escolha aceitável, contanto que não se perca a autonomia, aspecto tão estimado por Carolina que pode ter reconhecido na percepção apurada e na independência do felino um recurso metafórico interessante para ser usado em suas composições literárias com intuito de defender a importância de se preservar um pensamento crítico e livre, que não se prende a “roedores” ou “parasitas”, como uma forma de justificar sua escolha por não se envolver amorosamente.

Deixei o leito as 5 horas. Os pardais estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina a amizade e igualdade. [...] O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer [*sic.*] (JESUS, 2014, p. 58).

Em meio à sua rotina que se inicia com o cantar dos pardais, ave tipicamente urbana muito presente nos aglomerados urbanos, Carolina descreve o cenário exaltando o cantar dos pássaros que é descrito como uma orquestra ordenada, o que, de acordo com a autora, demonstra o respeito e a amizade nutrida entre a espécie, os quais proporcionariam a felicidade entre eles. A autora deixa transparecer o apreço que tem pela arte ao acordar e reconhecer a beleza do canto dos pássaros, mostrando assim que as condições de vida que foram a ela impostas, não lhe retiraram a sensibilidade de poetisa. Carolina sabe-se e se quer escritora, daí também as descrições poéticas que se contrapõem às duras descrições daquele que é o mote de sua vivência cotidiana: o saciar da fome. Dessa forma, evidencia a maneira como é tratada a questão da ausência de felicidade entre os moradores da favela. Além da dor, ausência de afeto entre os moradores, a fome seria um agravante na vida dessas pessoas, um sofrimento que marca todo o cenário vivido pela autora, assim como de muitos que se encontram na mesma condição de miséria. A fome é uma das violências que a autora expõe em vários momentos da narrativa. É válido ressaltar que o país, desde os tempos coloniais, tem, em suas camadas menos favorecidas, esse grave problema, como nos mostram João Luiz da Silva e Alcindo José de Sá no texto *A fome no Brasil: do período colonial até 1940*. Para eles,

Ao final do século XIX e começo do século XX, a abolição da escravidão e a expansão demográfica, em simultâneo com a difusão do modo de produção capitalista no mercado interno desencadearam uma série de transformações no sistema produtivo e na estrutura de classes no país. As manifestações se fizeram sentir nos movimentos contra a carestia e a perda do poder aquisitivo das

classes populares [...] as lutas diversas pela melhoria de salários e de condições de vida para os operários e lutas no campo, no início do século XX, a maioria eram pelo rebaixamento dos preços dos gêneros alimentícios e o comício contra a carestia, em 1913, no Rio de Janeiro para rever o sistema de pesos e medidas, pois as pessoas pobres eram “roubadas” em suas compras, pela manipulação das balanças. Durante a guerra, o mercado exportador de alimentos cresceu, mas em torno de 1920, começou a ter a concorrência acirrada do mercado internacional. Foi nos anos 40 que surgiu a preocupação com a contagem de pessoas que passavam (e ainda passam) fome no Brasil, ou seja, com os mapas da fome que são utilizados como “fotografia” do problema (SILVA; SÁ, 2006, p. 49).

Sabemos que, faminto, o corpo transmite à mente a necessidade fisiológica e também antropológica de se manter vivo, de sobreviver, mas o pobre no Brasil foi obrigado a se acostumar com ela. O que se torna ainda mais agravante quando pensamos que esse problema está longe de ser solucionado no país, pois a fome na atualidade continua a ser um problema social na vida do povo negro brasileiro, como é possível constatar no Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil - 2009-2010, que através de pesquisas que foram aplicadas em todo o Brasil irá demonstrar que “os pretos & pardos, comparativamente aos brancos, se veem mais expostos à insegurança alimentar, especialmente em suas formas mais intensivas” (PAIXÃO, 2010, p. 19). Após o levantamento dos dados foi possível verificar que:

[...] mais da metade (52,4%) dos indivíduos pretos & pardos residiam em domicílios sujeitos a maior ou menor situação de insegurança alimentar, proporção que, entre os brancos, era quase a metade (28,2%). A forma mais extrema de insegurança alimentar, a IA grave, era experimentada por 11,6% dos pretos & pardos, ao passo que, entre os brancos, este percentual foi de 4,1%, ou seja, em termos proporcionais, inferior em quase um terço (PAIXÃO, 2010, p. 127).

Ou seja, o negro no Brasil tem 50% mais chance de passar fome. Os dados deixam evidente o racismo estrutural presente no país, pois essa condição vem desde a abolição da escravatura em que os escravizados foram absolutamente

abandonados pelo Estado e Carolina é uma vítima que nos faz penetrar nesse universo tão desesperador, pois suas experiências narradas deixam claras as condições vividas pelos negros pobres moradores de favela.

Para além da fome, outro aspecto que fica evidente na fala da autora no *Diário* é a falta de afetividade entre aqueles que convivem no mesmo espaço e sofrem as mesmas dificuldades:

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo [*sic.*] (JESUS, 2014, p. 37).

Notamos aqui o antagonismo entre a favela e a cidade, esses dois mundos opostos; ao citar o odor da favela, a descrição cria um efeito sinestésico entre a visão do espaço e o cheiro ruim que dele exala, opondo a grandeza luxuosa da cidade à miserabilidade animalésca da existência na favela. O sujeito é definido (ou se deixa definir) pelo meio externo. O ambiente é que lhe confere valor e/ou dignidade. O contraste da satisfação da cidade com o abandono da favela ressoa diretamente em seu interior, definindo seu estado de espírito. Ao reconhecer que vive no “quarto de despejo” da cidade de São Paulo, mostra que mesmo após a abolição da escravatura os descendentes dos escravizados viviam na miséria não sendo concedidas a eles moradias dignas e muito menos instrução e formação profissional para que se enquadrassem nos novos moldes de sociedade que se formou. Dessa maneira, Carolina Maria de Jesus denuncia o abandono e a animalização do povo negro pelo Estado, que desde sempre foi omissivo, e pela sociedade, que, muitas vezes, não tem o mínimo de empatia pelos mais vulneráveis.

Concordamos com Dalcastagnè (2015) quando admite que “a cidade não aparece como um pano de fundo amorfo nas obras de Carolina Maria de Jesus,

não é apenas paisagem ou retrato, mas elemento de subjetivação e espaço de empoderamento”, pois será “transitando de um lado para o outro, saindo às ruas para catar suas histórias – seja dentro da favela, seja nas suas cercanias, ou mesmo no centro de São Paulo – que ela se faz escritora”, registrando suas histórias “com grande alcance, uma profunda reflexão sobre quem tem o domínio sobre os espaços públicos no Brasil. E, assim, sua escrita se transforma, ela também, em lugar onde experiências se encontram e, de algum modo, se validam” (DALCASTAGNÈ, 2015, p. 48).

[...] Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos despresou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá. Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia [sic.] (JESUS, 2014, p. 43).

Nesse trecho, Carolina utiliza da prosopopeia para chamar atenção para a vida miserável, descrevendo como um item básico da alimentação – o feijão – é negado a uma determinada parcela da população que é segregada e pode ser isolada em “caixas” como em um quarto de despejo. Há uma gradação: sem o feijão (ausente), o fubá representa o sustento. Nem sempre é o que se quer, mas não há escolha, é o que a vida disponibiliza e tem-se que aceitar. Na necessidade, o mais básico tem valor. Não nos importam os detalhes da vida material, queremos o que sustenta, então arroz com feijão é o objetivo maior.

Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante. Lavei as roupas e o barracão. Agora vou ler e escrever. Vejo os jovens jogando bola. E eles correm pelo campo demonstrando energia. Penso: se eles tomassem leite puro e comessem carne... [sic.] (JESUS, 2014, p. 49).

Quantos talentos foram e são perdidos por falta de oportunidades melhores, de suprimento certo, da substância adequada – aquilo que dê

“sustância”. A injustiça social e racial brasileira, que ainda nos acomete nos dias de hoje, é evidenciada na prosa do *Diário*, a partir das imagens dos corvos (talvez mais poéticos que os urubus), que sobrevoam e convivem com homens, com marginais, numa simbiose estranha propiciada pela miserabilidade.

[...] Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerada marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos [*sic.*] (JESUS, 2014, p. 54).

De modo direto, a autora apresenta sua constatação em relação à banalização da vida humana, a degradação humana em todos os seus aspectos de carências e necessidades básicas de sobrevivência e uma clara metáfora para a marginalização no âmbito social da parcela menos favorecida da população. É interessante notar que Carolina substitui o urubu que normalmente povoa essas áreas pelo corvo que é relacionado com a morte, o azar e com elementos obscuros e sombrios. Ao mostrar que o pobre desempregado tomou o lugar desse ser, que representa a morte, está anunciando a tragédia do morador de favela marginalizado pela sociedade capitalista.

Muitas vezes, o relato de Carolina é o simples narrar de mais um dia em busca pela sobrevivência, porém, em meio a tanto sofrimento, ainda encontra uma maneira para driblar a dura realidade e tentar imaginar outras paisagens, aposentos de contos de fadas:

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 2014, p. 58).

Nesse fragmento, observamos a insônia sofrida pela autora como consequência de uma mente inquieta, pensante. A escrita vem como proposta de libertação do artista enclausurado no ser, transbordando os limites materiais do corpo, sendo um desabafo, uma forma de poder gritar por liberdade por outra chance de viver. A fantasia parece possibilidade de escape, mas há momentos em que Carolina nos confidencia sua impotência diante das vicissitudes da vida:

Estou sem ação com a vida. Começo a achar a minha vida insípida e longa demais. Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual a minha alma. Deixei o João fechado estudando. Disse-lhe que o homem que erra está vacinado na opinião pública. O que eu observo é que os que vivem aqui na favela não podem esperar boa coisa deste ambiente. São os adultos que contribuem para delinquir os menores [*sic.*] (JESUS, 2014, p. 89).

Mais uma vez a autora (con) funde-se com o ambiente, supõe-se um dia fechado, nublado, como reflexo do estado de seu espírito. O modo como Carolina adjetiva a vida “insípida, longa demais” e o dia “triste” demonstram ao leitor a representação de fragmentos de vida desbotados pela própria zona cinzenta da realidade. Os valores de ancestralidades e ensinamentos passados de geração também permeiam os escritos de Carolina:

Dizem os velhos que no fim do mundo a vida ia ficar insípida. Creio que é história, porque a Natureza ainda continua nos dando de tudo. Temos as estrelas que brilham. Temos o sol que nos aquece. As chuvas que cai do alto para nos dar o pão de cada dia (JESUS, 2014, p. 144).

E, dessa forma, as tradições se cumprem, as premonições se fazem valer. “Os mais Velhos” (por meio das palavras) e os mais novos (por meio de atitudes e ações). O trecho de seu diário representa o retrocesso humano e sua desconexão com a natureza.

As construções figurativas permeiam toda a composição de seu *Diário*, como podemos ver nas linhas finais de sua narrativa, onde ficam registradas as impressões da escritora sobre sua vivência e as lições aprendidas por meio de muito sofrimento e privações:

A vida é igual um livro. Só depois que ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro (JESUS, 2014, p. 167).

E, finalmente, Carolina Maria de Jesus encerra seus relatos no último dia do ano de 1959, despertando às 3 e meia para carregar água com esperança de que o novo ano seja mais leve e com melhores oportunidades. Assim, se encerra seu diário carregado de aforismos que retratam a esfera íntima de uma mulher, pobre, negra, catadora de papel que se preocupa em demonstrar a configuração social dos moradores de favela, evidenciando o sofrimento humano e o contexto de luta diária pela sobrevivência em que estão inseridos aqueles sujeitos “esquecidos” pelos governantes e elites.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carolina Maria de Jesus deixou registrada em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, sua história de vida marcada por todas as dificuldades que uma mulher negra, pobre, favelada, mãe solteira esteve e ainda está sujeita a passar em um país que não enxerga as consequências da exclusão social como um agravante e um complicador para o aumento da desigualdade e das violências. Um país no qual a miserabilidade faz com que o cotidiano seja um círculo infernal pela busca da sobrevivência, já que, após falar do ano e do decênio que

se findam, a roda continua seu giro inexorável, consta no *Diário*: 1 de janeiro de 1960: *Levantei as cinco horas e fui buscar água.*

Dessa maneira, a Literatura produzida por uma mulher negra, pobre, favelada, em sua luta diária pelo mínimo de dignidade para si e seus filhos, nos trará a visão, particular e coletiva, que ela tem do mundo que a cerca e, por isso, será impossível que um homem branco, até mesmo negro, e uma mulher branca possam ser capazes de ter o mesmo olhar. Diante disso, faz-se necessário admitirmos que toda a obra de Carolina é carregada de *escrivivência*, termo que corresponde ao conceito que Conceição Evaristo inaugurou em 1995. Esse conceito expande a experiência pessoal e da memória, que parte do individual e congrega o coletivo, pois se sabe voz, fala e escrita de muitas mulheres sistematicamente silenciadas desde a formação social brasileira, com seu patrimonialismo fundacional, na qual cor de pele clara é também patrimônio. A *escrivivência* dessa autora nasce e se institui como uma maneira de rasurar e reescrever em suas narrativas o imaginário histórico da mulher negra, que desde o início de nossas letras – e de nossa sociedade – a traz e a faz como um ser inferior.

Por meio de seus relatos, o leitor acompanha os acontecimentos da vida de Carolina e seus três filhos, ao longo de quatro anos e meio. Em meio ao esforço diário na busca pela sobrevivência e cuidados maternos, a autora seguia registrando suas dores, dificuldades e suas percepções sobre a vida como forma de alimentar-se das palavras e repor as energias perdidas enquanto lutava para viver.

Ao nos contar sobre suas vivências, Carolina expandia seu olhar para além da dura realidade e, desse modo, até os pardais figuram em suas narrativas e instigavam suas reflexões sobre comportamento das aves e a relação entre elas, como se quisesse descobrir se haveria fome e sofrimento também entre esses seres.

De fato, a escrita de Carolina nos convida a enxergar a condição do subalternizado por um olhar que antes de sua obra não era possível no Brasil. Em seu texto *Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea*, publicado em 2015, Regina Dalcastagnè dirá que “[...] é preciso um esforço considerável para se encontrar, em meio a Literatura tão marcadamente de classe média, branca e masculina como a brasileira, uma construção diferente sobre a experiência urbana contemporânea” e Carolina passa a ser um “como marco fundamental para se ver, e escrever, a cidade para além da ‘perspectiva do alpendre’”. Por isso, “revisitar sua obra, [...] é um ponto de partida obrigatório quando se pretende entender as possibilidades poéticas e políticas desse olhar de fora” (DALCASTAGNE, 2015, p. 41).

A mente inquieta de Carolina se materializa em sua escrita na busca por muitas respostas: na tentativa de compreender o racismo, que conferia o *status* de superioridade do homem branco, entender o comportamento de pessoas mesquinhas, ao preferir descartar as sobras de alimentos a doar aos mais necessitados, distinguir a real necessidade da mulher a se submeter ao casamento que era carregado de machismo tendo sido implementado pela sociedade patriarcal. Essas foram as principais questões que para ela eram inconcebíveis.

Assim, mesmo diante da fome doída e amarela, da condição precária de seu barracão e da falta de companheirismo entre os moradores da favela, Carolina encontrava força e esperança para continuar lutando pela sobrevivência e para tornar pública a luta de muitas mulheres pobres, negras, faveladas e esquecidas pela sociedade.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *A Literatura e a formação do homem*. Ciência e cultura. São Paulo, v. 4, n. 9, 1972, p. 81-90.

DALCASTAGNE, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2123/1687>. Acesso em 05/04/2018.

DALCASTAGNE, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

DALCASTAGNE, Regina. Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNE, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Orgs.). *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*. v. 17, n. 49, São Paulo, Set./Dez. 2003. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010 Acesso em 03/12/2018.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

FUNCK, Susana Bornéo. *Crítica literária feminista – uma trajetória*. Série Estudos Culturais. Florianópolis: Insular, 2016.

GONÇALVES, Marco Antonio. Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 21-47, jul./dez. 2014. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200002 Acesso em 25/05/2019.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Estudos Feministas*. Ano 3, p. 464-478, 2º semestre de 1995. Disponível: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf> > Acesso em 03/12/2018.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014. 200p.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu Estranho Diário*. São Paulo: Xamã, 1996.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, p. 14-15, 2014.

PAIXÃO, Marcelo, ROSSETO, Irene, MONTOVANELE, Fabiana, CARVANO, Luiz M. *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil*. 2009-2010. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SILVA, João Luiz da, SÁ, Alcindo José de. A fome no Brasil: do período colonial até 1940. *Revista de Geografia*. v. 23, n. 3, 2006, p. 43-53. Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/viewFile/228669/23091> Acesso em 18/04/2018.

Recebido em 18/03/2020.

Aceito em 30/07/2020.